

## Notas sobre o tempo e o luto no mundo pós-covid

### *Notes on time and grief in the post-covid world*

#### Resumo

*Este artigo tem como ponto de partida a noção de “novo tempo do mundo”, proposta pelo filósofo Paulo Arantes, em torno da qual articulo as transformações materiais e subjetivas das formas de vida pós-covid. Trabalho com a proposição de que são mudanças inseparáveis, consequência do encaixe perfeito entre o capitalismo de plataforma e as mudanças trazidas pela pandemia de covid-19. Por fim, discuto, recorrendo à filosofia de Judith Butler, a dificuldade de encontrar um caminho para o trabalho de luto em relação às perdas coletivas que são, de fato, perda de uma certa forma de existência humana.*

**Palavras-chave:** pós-covid; pós-pandemia, luto; capitalismo de plataforma; novo tempo do mundo

#### Abstract

*This article takes as its starting point the notion of the “new time of the world,” proposed by the philosopher Paulo Arantes, around which I articulate the material and subjective transformations of post-covid forms of life. I work with the proposition that these changes are inseparable, a consequence of the perfect fit between platform capitalism and the changes brought about by the covid -19 pandemic. Finally, drawing on the philosophy of Judith Butler, I discuss the difficulty of finding a path for mourning work in relation to the collective losses that are, indeed, the loss of a certain form of human existence.*

**Keywords:** post-covid; post-pandemic; grief; platform capitalism; new world era

\* Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Contato: carla.ifcs@gmail.com

Recebido em: 28/01/2024 Aceito em: 21/03/2024

## Introdução

“O novo tempo do mundo” é um título, mas também pode ser lido como uma profecia.<sup>1</sup> Trata-se de um livro do filósofo Paulo Arantes, publicado em 2014, que traz o conjunto das suas reflexões acerca do fim do horizonte de expectativas, uma das marcas da era atômica iniciada na década de 1940 e de suas duras consequências: viver no tempo do fim, no argumento do autor, é estar às voltas com a gestão de populações-alvo, sejam alvo de guerras, sejam alvo de políticas públicas que visam minorar os efeitos devastadores de um capitalismo cada vez mais violento e expoliador.<sup>2</sup> Uma das métricas do diagnóstico de Arantes é *Doomsday Clock*, atualizado todo ano no Boletim dos Cientistas Atômicos [Bulletin of the Atomic Scientists], cuja indicação mais recente é de que estamos apenas a 90 segundos do fim do mundo.<sup>3</sup> De fato, se o novo tempo do mundo se define por um período de suspensão da história, nada mais haverá de chegar, e é compreensível que pese sobre a percepção de Arantes a crítica de que o niilismo aí contido não deixa nenhum espaço para a construção de qualquer tipo de agência ou mobilização política. Esse pessimismo seria um privilégio para poucos, mas, precisamos reconhecer, não é infundado.<sup>4</sup>

Na manhã de 6 de março de 2020, Arantes e o pensador indígena Ailton Krenak se encontraram para um debate em São Paulo, com o inspirador título “O que ainda podemos imaginar juntos?”.<sup>5</sup> Ali, embora já se soubesse que o vírus se espalhava desde dezembro na China e desde janeiro na Europa, ainda não se podia vislumbrar que o modo como vivemos juntos seria modificado tanto e a tal ponto de transformar o sentido dado a outro título profético, o

---

1 Arantes, Paulo. *O novo tempo do mundo e outros estudos sobre a era da emergência*. São Paulo: Boitempo, 2014.

2 Para a conferência “Um mundo repleto de alvos”, ver <<https://www.youtube.com/watch?v=n-QpVqqC0m4M>> Última consulta em 23 de janeiro de 24.

3 Para acompanhar o relógio e o boletim do ano de 2024, ver <<https://thebulletin.org/doomsday-clock/current-time/>> Última consulta em 23 de janeiro de 24.

4 A título de exemplo, mas também de blague, e não sem ligação com a crítica mais frequente endereçada a Arantes, gostaria de registrar o seguinte post no Twitter: “O que me deixa mais puto é que, no final de tudo, o Paulo Arantes era otimista.” <<https://twitter.com/onatanoliveira/status/1725857038037659740>> Última consulta em 24 de jan. de 24.

5 Para a íntegra do debate, ver <<https://sentimentodadialectica.org/dialectica/catalog/view/122/111/259>>. Última consulta em 24 de jan. de 24.

do livro de Krenak: “Ideias para adiar o fim do mundo”.<sup>6</sup> Uma semana depois do debate, a OMS declararia que o vírus da Covid-19 havia se tornado uma pandemia de proporções inéditas.

A declaração nunca foi suspensa.<sup>7</sup> Por isso, a rigor, é correto afirmar que desde então estamos vivendo numa pandemia, ainda que as formas mais correntes de nos referirmos a este momento sejam “pós-covid” ou “pós-pandemia”. Aqui, acho interessante pontuar a característica do nosso permanente recurso ao prefixo “pós”. Pelo menos desde que Jean-François Lyotard, em 1979, usou o termo “pós-moderno” para definir a experiência contemporânea, o prefixo se proliferou – pós-feminista, pós-utópico, pós-colonial, pós-industrial, pós-capitalismo – como indicação de que conservamos e superamos algo da experiência anterior. Isto porque, ao não criar uma denominação, estamos reconhecendo que algo da configuração anterior ainda permanece; e ao acrescentar o prefixo “pós” estaríamos indicando um tipo de modificação de caráter temporal.<sup>8</sup> Pós, aquilo que vem depois, sem ter superado o que havia antes, guardando traços que nos impedem de encontrar nova forma de nomear.

No tempo do mundo pós-covid, talvez já seja possível discernir, separar e criticar o que permanece e o que acabou da experiência pandêmica, embora não seja nada simples operar uma divisão entre antes e depois sem cair em pelo menos duas armadilhas. A primeira, mais óbvia, é o risco de separar o antes e o depois como dois momentos desconectados entre si, nos impedindo de enxergar linhas de continuidade nos processos já existentes; a segunda, a de só perceber a continuidade, obscurecendo, assim, os aprofundamentos e movimentos de agudização trazidos pelo “depois”. Para tentar abordar essas duas dimensões – continuidade e rupturas – recorro ao termo “capitalismo de plataforma” para me referir a formas de exploração que emergem a partir de outros arranjos organizacionais, novos modos de exploração e de trabalho, atualizando a maneira de acumulação de capital.

---

6 Krenak, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo : Cia das Letras, 2020. 2ª. edição.

7 A OMS decretou apenas o fim do estado de “Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional” e manteve a covid-19 como pandemia, dadas as características de propagação mundial da doença. Se os números no Brasil já eram subnotificados desde o início da doença, resultado de uma política deliberada de negar a gravidade da doença, depois da liberação dos testes rápidos vendidos em farmácia pode-se supor que a subnotificação aumentou. O Painel Covid-19 do Ministério da Saúde registrou 34 mil casos novos da doença na segunda semana de janeiro de 2024. <[https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19\\_html/covid-19\\_html.html](https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html)>. Última consulta em 24 de jan. de 24.

8 Lyotard, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Trad. Ricardo Barbosa. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1979. 1ª. edição.

O termo será usado a partir da explicação de Srnicek:

*no seu sentido mais geral, plataformas são infraestruturas digitais aptas a promover interação entre dois ou mais grupos. Posicionam-se como intermediárias entre diferentes usuários: consumidores, provedores de serviços, produtores, fornecedores, anunciantes e até objetos. Mais do que nunca, essas plataformas oferecem uma série de ferramentas capazes de proporcionar a seus usuários construir seus produtos, serviços e mercados.*<sup>9</sup>

Sabemos que, diante de uma crise, o capitalismo tem a plasticidade de se reestruturar. Esta plasticidade, no entanto, não descarta as formas de exploração usadas “antes”, apenas as modifica a fim de expandir a possibilidade de acumulação. Capitalismo de plataforma, então, é uma expressão capaz de reunir as características mais ou menos constantes do sistema capitalista e a ele adicionar transformações tecnológicas cujas características virão a definir uma “nova etapa” do capitalismo. Este artigo pretende pensar a partir do pequeno espaço existente entre antes e depois, considerando algumas características do capitalismo de plataforma e seu encaixe quase perfeito com o mundo pós-covid.

### Agamben não estava assim tão errado

Logo depois da detecção do vírus da covid-19 na Itália, o filósofo Giorgio Agamben se insurgiu contra as restrições de confinamento domiciliar que vinham sendo impostas pelos governos europeus.<sup>10</sup> Em particular no Brasil, suas proposições foram muito mal-recebidas, sobretudo por contrastarem com as reivindicações do campo progressista de que o governo brasileiro

---

9 Para uma discussão mais ampla a respeito do capitalismo de plataforma e a centralidade da extração de dados via plataformas digitais, ver Srnicek, Nick. Platform Capitalism. Polity Press; 2016. Tradução minha, p. 28-30.

10 A editora Boitempo organizou e publicou, logo em abril de 2020, o ebook *Reflexões sobre a peste: ensaios em tempos de pandemia*, tradução e edição Isabella Marcatti, reunindo os primeiros escritos de Giorgio Agamben. Em seguida, a editora abriu espaço para um amplo debate em torno dos problemas apontados pelo filósofo, que se iniciou com uma crítica da filósofa Yara Frateschi (Unicamp). Estes textos podem ser lido nesta ordem e nos seguintes endereços: <<https://blogdaboitempo.com.br/2020/05/12/agamben-sendo-agamben-o-filosofo-e-a-invencao-da-pandemia/>>, <<https://blogdaboitempo.com.br/2020/05/16/agamben-sendo-agamben-por-que-nao/>> e <<https://blogdaboitempo.com.br/2020/05/29/essencialismos-filosoficos-e-ditadura-do-corona-sobre-giorgio-agamben-mais-uma-vez/>>. Última consulta em 24 de jan. de 24.

aderisse a um protocolo de proteção, negado em especial nos países geridos por políticos de extrema-direita. Impossível não reconhecer que havia nos textos do filósofo um excesso de desconfiança em relação à gravidade da doença. Apesar disso, as análises de Agamben ainda trazem uma perspicaz observação de como estávamos adentrando um novo paradigma de relações sociais, governo e formas de subjetividade. “A nova forma de relação social é a conexão, e quem não está conectado é tendencialmente excluído de todo vínculo e condenado à marginalidade”, escreve ele.<sup>11</sup> A conexão não era exatamente uma novidade entre nós, mas aqui se trata de pensar como os novos componentes do capitalismo de plataforma deram continuidade e mesmo aprofundaram a configuração de subjetividades moldadas por redes sociais baseadas em algoritmos.

A partir da pandemia, o trabalho por aplicativo não apenas se disseminou, mas sobretudo se naturalizou como mais uma etapa da acumulação do capital, em que a mão de obra está permanentemente disponível a custo zero, é dependente do vínculo de conexão com a plataforma, cujas regras são soberanas em relação a qualquer lei trabalhista em vigor nos países onde opera. Apenas três aplicativos – Ifood, Uber ou Airbnb – concentram o poder de destruir sistemas estabelecidos pelo ordenamento jurídico estatal, este do qual Agamben também é um importante crítico, jogando na lata de lixo da história regulamentações que, em muitos casos, foram resultado de décadas de luta. Significa dizer que se acentua, talvez de forma inédita, a crise da soberania dos Estados, atravessados e enfraquecidos por interesses econômicos de grandes corporações.

Seria paradoxal argumentar a favor da soberania estatal trazendo Agamben como referência. Aqui está um exemplo da dificuldade de achar um caminho para percorrer: nem defender um Estado forte – cuja violência estamos cansados de conhecer – nem aplaudir um Estado fraco em relação aos interesses das grandes corporações. O filósofo do conceito de “vida nua”, desde sempre um crítico da violência do jurídico-política do Estado – tema retomado nos seus textos sobre a covid-19, voltados para a crítica dos dispositivos de controle e gestão de população – afirma que a política do porvir “não terá nem a forma obsoleta das democracias burguesas nem aquela do dispositivo tecnológico-sanitário que as está substituindo”.<sup>12</sup> Neste porvir identificado

---

11 Agamben, Giorgio. *Em que ponto estamos? A pandemia como política*. Trad. Claudio Oliveira. São Paulo : n-1 edições, 2021, p. 9.

12 *Idem*, p. 10.

por Agamben podemos situar os meus exemplos, que trazem uma profunda transformação no modo como habitamos as cidades: modificam a nossa relação com o uso do espaço urbano no consumo de serviços (Ifood), no tráfego de veículos e nas rotas oferecidas pela geolocalização (Uber), e na expansão quase ilimitada da rede hoteleira (Airbnb), razão para as superpopulações ameaçadoras do modo de vida dos lugares.

A pandemia também alterou o nosso modo de habitar o espaço. Grandes concentrações urbanas de profissionais que se concentravam em escritórios em horário comercial foram substituídas por home-office – o incensado estilo “nômade digital”, sempre num café perto de você – tribunais de justiça em formato virtual, expansão de oferta de educação a distância, acentuando a mudança da nossa relação com o tempo, ora estendido, ora comprimido pelo acúmulo de demanda. Abrem-se assim pelo menos dois caminhos: discutir as consequências socioeconômicas e ambientais da conexão como nova forma de relação social; refletir a respeito das transformações subjetivas que se fazem acompanhar por esse modelo. É ambicioso tentar abordar esses dois aspectos em um só artigo. Se me arrisco na empreitada é por acreditar que são dimensões tão intrinsecamente implicadas que seria mais difícil abordar uma sem a outra.

Para isso, trago um autor que, à primeira leitura, pode ser interpretado como muito distante de Agamben: o teórico estadunidense Jonathan Crary. Mesmo se valendo de outro vocabulário e referências, se aproxima e aprofunda as críticas de Agamben à conexão como forma de relação social.

*Se for possível um futuro habitável e partilhado em nosso planeta, será um futuro off-line, desvinculados dos sistemas destruidores de mundo e das operações do capitalismo 24/7. (...) Se tivermos sorte, uma era digital de vida breve será superada por uma cultura material híbrida baseada em antigos e novos modos de vida e de subsistência cooperativa.<sup>13</sup>*

A tarefa a que Crary se propõe é a de traçar um panorama amplo de como a Internet e seus desdobramentos mais recentes estão destruindo a possibilidade de vida no planeta. “Vida” abrange tanto o aspecto material – a destruição do meio ambiente, as formas escravagistas de extração de minério, o acúmulo infinito de lixo eletrônico – quanto as dimensões sociais e subjetivas, no meu argumento, inseparáveis das transformações materiais.

---

13 Crary, Jonathan. Terra arrasada: além da era digital, rumo a um mundo pós-capitalista. Trad. Humberto do Amaral. São Paulo : UBU Editora, 2023. p. 13.

Aqui, poderíamos voltar a Arantes e ao caráter ahistórico do novo tempo do mundo e, por isso, já não mais organizado pela temporalidade presente-passado-futuro. O futuro desapareceu, só existe um presente constante e degradado, já que não há mais horizonte a ser buscado. A permanência no presente é tema de Crary, quando escreve que “o ‘presentismo’ não traz nada de novo, e na verdade pode ser afiliado às muitas formas pelas quais o capitalismo moldou a experiência da temporalidade”.<sup>14</sup> Os processos de compressão de espaço-tempo a que David Harvey já se referia nos anos 1990 são agudizados na experiência de uma hiperconectividade constante.<sup>15</sup>

Não por acaso, a era atômica do interesse de Arantes reaparece na mesma chave crítica em Crary, quando ele argumenta que o desenvolvimento da tecnologia da bomba atômica exigiu uma “nova roupagem”, em que inovações tecnológicas estariam a serviço da paz e o futuro se resumiria a um “catálogo de inovações científicas”. O que cai, hoje, é a máscara:

*Com o capitalismo adentrando sua fase terminal em um planeta desfigurado pela austeridade neoliberal e pelo colapso ambiental, não há mais nem sequer um fingimento de que o desenvolvimento científico e técnico está alinhado com os propósitos e necessidades humanas.*<sup>16</sup>

O trecho condensa alguns problemas que nos interessam aqui: a percepção do autor de que o capitalismo está próximo do fim, da qual gostaria de me afastar para insistir no argumento da plasticidade e da permanente capacidade de adaptação do sistema. Ainda assim, trago a citação de Crary por querer pensar o quanto se acentua o descolamento entre desenvolvimento e futuro, dois termos que se retroalimentam na chave ideológica do progresso, este responsável pelo colapso ambiental ao qual o autor se refere. Um desenvolvimento descolado de perspectiva de futuro está livre para ser extrativista e destruidor, descomprometido com qualquer dano ambiental e oferecendo como única possibilidade diante da catástrofe o apelo a um gozo infinito-falso, porém muito rentável.

A principal contribuição do livro de Crary está em *conectar* o aparelho de telefone celular que é a base para a expansão do capitalismo de plataforma com destruição ambiental e transformação na sociabilidade. Só com

---

14 Idem, p. 85.

15 Harvey, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 10. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

16 Idem, p. 92.

Agamben, ficaríamos limitados à sua famosa declaração de ódio ao de fato detestável uso dos telefones celulares em espaços públicos e ao modo como a nossa relação com estes dispositivos modificaram as relações sociais.<sup>17</sup> Com Crary, mais de uma década depois, vamos encontrar um cenário mais devastador: a atividade extrativista para a produção da materialidade da Internet mantém sob condições de trabalho escravagistas milhares de pessoas – ele cita os indicadores de extração de minério na Indonésia e no Peru – com efeitos danosos para os recursos naturais do entorno e o despejo de toneladas de rejeitos no solo e nos rios.

*Os métodos tóxicos de extração de metais raros causam prejuízos irreparáveis ao solo, à água e aos seres humanos; ainda assim, a maior parte dos donos dos smartphones, usuários de redes sociais e viciados na Netflix nos Estados Unidos não fazem ideia de onde ficam Papua ou o Peru nem se interessam pela vida dos povos que lá habitam.*<sup>18</sup>

Há no autor uma aposta (utópica) de que redimir o planeta a tempo de impedir a chegada do fim exigirá acabarmos já com a Internet tal qual a conhecemos, seja pela insustentabilidade dos seus requisitos materiais, seja pelos efeitos danosos na subjetividade individual e nas relações sociais, tema do próximo tópico. A aposta de Crary é que só o fim da Internet nos levaria ao fim do capitalismo, o que parece de um otimismo inconciliável com a realidade dos mercados globais.

---

17 “Por exemplo, vivendo na Itália, isto é, em um país cujos gestos e comportamentos dos indivíduos foram remodelados de cima abaixo pelo telefone celular (chamado familiarmente de “telefonino”), eu desenvolvi um ódio implacável por este dispositivo, que deixou ainda mais abstratas as relações entre as pessoas”. O trecho é parte de uma conferência proferida por Agamben em Santa Catarina, em 2005. Ele se referia então a tempos rudimentares em que os celulares eram usados para falar. Hoje, penso que podemos apontar uma experiência de duplicação: é possível estar em qualquer lugar e se comunicar com uma pessoa que também esteja em qualquer lugar. Isso significa uma mudança radical com o espaço, porque se pode experimentar “não estar em lugar nenhum”, e uma transformação com o tempo, atravessado por um estado permanente de conectividade, onde não há mais distinção entre on-line e off-line nem cabe mais a expressão “vou entrar na internet”, porque estamos envolvidos em espaços cobertos por redes wi-fi. Agamben, Giorgio. “O que é um dispositivo?”. IN: O que é o contemporâneo e outros ensaios. Trad. Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó, SC : Argos, 2009.

18 Crary, op. cit., p. 53.

Se a frase do filósofo inglês Mark Fisher entrou para o rol de citações repetidas à exaustão ao afirmar que “é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo”, o livro de Crary poderia muito bem ser resumido assim, como o fez Arantes: “É mais fácil imaginar o fim do capitalismo do que o fim da Internet”.<sup>19</sup>

### Subjetividades transformadas e a reiterada promessa do comum

Neste ponto do texto gostaria de relembrar que a pandemia de covid-19 é indissociável do colapso ambiental que nos assola. A identificação do vírus só foi surpresa para quem não é do ramo, porque entre os estudiosos da área havia uma *previsão*, eu diria mesmo uma *expectativa*, de que um novo coronavírus emergisse. Desde então, são numerosos os estudos indicando a possibilidade do surgimento de novos vírus que viriam conviver, por exemplo, com o Ebola, epidêmico em países da parte ocidental do continente africano e indicação plausível de que não há horizonte de expectativas porque ali onde há futuro, este aponta para o “devir-negro do mundo”, repetindo a expressão do filósofo Achille Mbembe.<sup>20</sup>

Já discuti em outros lugares o uso do conceito de devir-negro do mundo e a possibilidade de sua operação no diagnóstico do tempo presente como fim do horizonte de expectativas, por isso não pretendo me alongar a respeito do tema, apenas lembrar que Mbembe relaciona o atual estágio do capitalismo com o retorno das formas de acumulação primitiva de capital que marcaram a primeira fase da empresa colonial europeia em direção às Américas. Reside aí *o que resta da escravidão*, ainda que a atividade extratista hoje seja em nome de uma suposta “indústria de tecnologia limpa”.<sup>21</sup> Registro também que Mbembe *conecta* o devir-negro do mundo a fluxos contínuos que interferem nas nossas formas subjetivas, ao argumentar que

---

19 Em conversa com a autora.

20 Mbembe, Achille. *Crítica da razão negra*. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo : n-1 edições, 2018. p. 20.

21 *O que resta da escravidão* é título do projeto de pós-doutorado do pesquisador Caio Paz (CPII), que tive o privilégio de supervisionar e a quem agradeço imensamente a parceria de trabalho na realização do curso de pós-graduação de mesmo nome no PPGF/UFRJ durante o ano de 2023 e a cumplicidade afetiva desde sempre.

*(...) tem surgido uma forma inédita de vida psíquica, apoiada na memória artificial e digital e em modelos cognitivos provenientes das neurociências e da neuro-economia. Sendo que os automatismos psíquicos e tecnológicos não passam de duas faces da mesma moeda, vem se consolidando a ficção de um novo sujeito humano, “empreendedor de si mesmo”, moldável e convocado a se reconfigurar permanentemente em função dos artefatos que a época oferece.<sup>22</sup>*

Esse sujeito empreendedor de si mesmo é aquele cujo trabalho está capturado pelo capitalismo de plataforma e cuja subjetividade está submetida ao fluxo contínuo de estímulos à individuação. É também o sujeito da responsabilização individual, atomizado, interpelado a sobreviver por conta própria sem recurso a nenhum tipo de amparo institucional, coerente com a forma de vida assim descrita por Mbembe: pela primeira vez, existe a “possibilidade muito clara de transformação de seres humanos em coisas animadas, dados numéricos e códigos.”<sup>23</sup>

O problema do sujeito atomizado, individualista e sua responsabilização pelo “empreendimento de si” pretendo discutir a partir das contribuições da filosofia de Judith Butler, autora cujas críticas à lógica do neoliberalismo começam a ficar mais evidentes a partir de 2001, depois do 11 de setembro, quando se aprofundam suas reflexões sobre o tema do direito ao luto, da condição de enlutável e de como estes dois elementos participam da concepção de vida precária. Três abordagens em relação ao luto vão se entrelaçando: o trabalho de luto individual, no qual mergulhamos depois de uma perda; o luto como um direito e uma política de Estado; e a condição de enlutável, capaz de operar uma distinção entre humanos que são considerados humanos e humanos que não são reconhecidos enquanto tal. Para esta última discussão, Butler torna-se leitora e interlocutora de Achille Mbembe em torno do conceito de necropolítica, cuja inspiração foucaultiana coincide com o interesse de Butler no filósofo francês.

A despossessão de si atravessa estas três abordagens e funciona, no pensamento de Butler, como uma espécie de fundamento negativo para a reivindicação de que é possível formar comunidade.<sup>24</sup> Se todos somos despossuídos,

---

22 Idem, p. 16.

23 Mbembe, op. cit., p. 19.

24 A este respeito, gostaria de indicar a seguinte passagem: “somos constituídos politicamente em parte pela vulnerabilidade social dos nossos corpos – como um local de desejo e de vulnerabilidade física, como um local de exposição pública ao mesmo tempo assertivo e desprotegido. A

marcados por uma perda que nos constitui na relação com o outro, então podemos ser integrantes de um mesmo campo comum no qual temos condição de possibilidade de nos reconhecemos como interdependentes uns dos outros. A busca por essa comunidade sem predicado positivo faz com que a interdependência ganhe consistência na obra conforme Butler vai adensando a sua crítica ao individualismo, cujos contornos ficam mais bem definidos em *A força da não violência*, livro publicado nos Estados Unidos em fevereiro de 2020, poucas semanas antes da declaração da pandemia de covid-19.<sup>25</sup> Ali, desde a introdução, lemos em Butler que

*Podemos afirmar que, de uma maneira geral, essa interdependência social é característica da vida, e então contabilizar a violência como um ataque a esta interdependência, um ataque às pessoas, sim; mas talvez mais fundamentalmente, um ataque aos “laços”. E, sim, embora a interdependência leve em conta diferentes formas de independência e dependência, implica igualdade social: cada um é dependente, ou formado e sustentado em relações de dependência, e cada um é dependente. Do que cada um depende, e do que depende de cada um, é variado; a interdependência não é apenas do outro humano, mas também de criaturas sencientes, meio ambientes e infraestruturas: dependemos dos outros, e os outros dependem de nós para sustentar um mundo habitável.*<sup>26</sup>

Há muitos elementos nesta passagem que, embora longa, condensa uma noção muito precisa de como Butler estava trabalhando com a noção de interdependência e propostas de igualdade radical, solidariedade global a fim de convocar a imaginação, ou o contra-realismo, se quisermos usar os termos de Mark Fisher, para pensar um outro mundo possível. Quando a pandemia de covid-19 chegou, essas proposições pareciam se encaixar no que era a primeira e principal orientação de prevenção – para evitar a doença, além de proteger a si mesmo, é preciso que toda a comunidade esteja protegida; e para que

---

perda e a vulnerabilidade parecem se originar do fato de sermos corpos socialmente constituídos, apegados a outros, correndo o risco de perder tais ligações, expostos a outros, correndo o risco de violência por causa de tal exposição.” Butler, Judith. *Vida precária*. Trad. Andreas Lieber, revisão técnica Carla Rodrigues. Belo Horizonte : Autêntica, 2019. p. 40.

25 Butler, Judith. *The force of non-violence*. Londres: Verso, 2020; *A força da não violência*. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo : Boitempo, 2021.

26 Op. cit., 2020, p. 16 [2021, p. 29]. Tradução minha.

toda a comunidade esteja protegida, é preciso proteger-se – e na aposta inicial de que o trauma da pandemia poderia enfim nos acordar de uma espécie de torpor diante do tempo do fim. Não foi bem assim que acordamos, se é que acordamos. De minha parte, também considero o pessimismo um privilégio para poucos. Por isso, persigo nas pesquisas em Butler as possibilidades de agência que emergem na contingência, nas alianças, na ação direta, no *tempo do agora* [Jetztzeit] benjaminiano.

No final de 2022, Butler publicou *Que mundo é esse? Uma fenomenologia pandêmica*, mobilizando suas próprias formulações para refletir sobre a experiência da covid-19. Temas como pobreza, racismo, desigualdade e violência social entram em debate a partir da crítica à gestão da pandemia por governos de extrema-direita – Trump, nos EUA e Bolsonaro no Brasil são citados como os piores exemplos – e seus efeitos devastadores na crescente vulnerabilidade de um número cada vez maior de pessoas. Soma-se ao conceito de interdependência a percepção de interdependência corporal, inspirada por conceitos da fenomenologia de Merleau-Ponty como tocar e ser tocado para descrever a experiência de relação com o outro que a pandemia havia presentificado.

O Brasil também aparece nas referências bibliográficas. Para pensar o colapso ambiental, a autora recorre a Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro para dar continuidade ao tema das vidas vivíveis.<sup>27</sup> No pós-covid, ganha estatuto de problema de filosófico a distinção entre mundo habitável/inabitável e para que grupos de população. Retomando a abordagem do “presentismo”, podemos agora esboçar uma definição do presente pós-covid: uma condição pandêmica em que se ampliam as divisões do território, agora entre zonas de morte e zonas de guerra, destino de todos aqueles desalojados de qualquer tipo de zona de conforto, mesmo ali onde esta promessa estava supostamente garantida.<sup>28</sup>

No meu argumento, a vulnerabilidade material evidenciada e aprofundada na covid-19 vem acompanhada de uma fragilidade subjetiva deliberada e proposital, daí a importância de discutir os dois temas de forma articulada como tentei fazer aqui. Butler se junta a autores e autoras empenhados na tentativa de recuperar a nossa capacidade de imaginação de outros mundos

---

27 Danowski, Déborah e Castro, Eduardo Viveiros. *The ends of the world*. Trad. Rodrigo Nunes. Cambridge, MA : Polity Press, 2017. [Há mundos por vir? Ensaio sobre os medos e os fins. Florianópolis : Cultura e Barbárie, 2014].

28 Esta destituição está na urgência com que governos mesmo de países onde ainda vigoraria um estado de bem-estar social estão reduzindo as condições de aposentadoria da população, do qual a reforma da previdência levada a cabo pelo presidente francês E. Macron é o principal exemplo.

possíveis, num exercício de contraimaginação e contrarealismo embalados por uma proposta de voltar a acreditar em utopias, o que pode parecer quase ingênuo num mundo dominado por cenas e narrativas distópicas.

Todo o debate de Crary sobre a urgência de modificarmos as relações sociais a partir do fim da centralidade da Internet pode ser, curiosamente, resumida por um alerta da filósofa Hannah Arendt escrito muito antes da era algorítmica: “Os clichês, os lugares-comuns, a adesão a códigos convencionais e padronizados de expressão e conduta têm a função socialmente reconhecida de nos proteger contra a realidade, isto é, contra a solicitação de atenção de nosso pensamento.”<sup>29</sup> Neste ponto, poderíamos enveredar por outro debate – a apropriação, pelas forças de extrema-direita, da estratégia de evitar o pensamento pelo uso das redes sociais para a difusão de textos, imagens e conteúdos de fácil consumo e apelo aos clichês mais conservadores. Entretanto, já me aproximando do fim, prefiro evocar o contrarealismo de Fisher, sem o qual não me parece que estaremos aptos a enfrentar a permanente captura do pensamento crítico:

*O desejo é sempre o resultado de processos de engenharia libidinal – e, no momento, nosso desejo é manipulado pelo exército de especialistas em relações públicas, marcas e publicidades do capital. A esquerda precisa produzir suas próprias máquinas de desejo.*<sup>30</sup>

### Considerações finais: os tempos do trabalho de luto

Comecei este artigo trazendo o problema das divisões temporais entre antes e depois e o uso do prefixo pós. Para concluí-lo, retomo o prefixo para trazer o termo “pós-guerra”, ainda não mencionado na pequena amostra de exemplos iniciais. Foi depois da Primeira Guerra que os escritos de S. Freud começaram a refletir a respeito das mudanças subjetivas de um trauma coletivo. Havia, para além da dor de cada um, a experiência de sofrimento psíquico na vida social, consequência da soma entre a perda individual e a perda coletiva. Com isso, o psicanalista passou a considerar as diferenças entre formas de

---

29 Arendt, H. Responsabilidade e julgamento. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo : Cia das Letras, 2004, p. 227, apud Crary, J. op. cit, p. 67.

30 Fischer, Mark. K-punk: the collected and unpublished writings of Mark Fisher (2004-2016). Londres : Repeater Books, 2018, apud Galvão, Antônio. Do realismo capitalista ao comunismo ácido. São Paulo : Autonomia Literária, 2023. p. 165. O livro é um excelente mapa de leitura de Fisher.

sofrer separadas pela linha temporal antes/depois da guerra e a se dedicar à miséria psíquica dos não combatentes, ou seja, daqueles que sobreviveram e não estiveram no horror das trincheiras. Freud considerava que a nossa atitude diante da morte produz efeito no modo como vivemos. Precisamos, argumentava ele, ignorar a nossa própria morte para termos uma vida plena. No entanto, a guerra havia destruído essa possibilidade de ignorância, já que a morte se tornara, de maneira explícita, parte da vida, produzindo assim uma “perplexidade e paralisia da nossa capacidade de desempenho”.<sup>31</sup> Isso porque, segundo ele, no pós-guerra já não seria mais possível manter a atitude anterior de afirmação da vida numa estratégia de ignorar a morte. Ainda não havia, no entanto, outra forma de lidar com a realidade da finitude.

As semelhanças com o trauma produzido pela pandemia de covid-19 são numerosas. As imagens dos mortos são inesquecíveis por muitas gerações. O medo de morrer, a destruição de famílias em que as perdas se multiplicaram, a súbita interrupção de vidas de pessoas jovens, o sacrifício de vidas abandonadas à própria sorte, sem o devido atendimento de saúde, as covas rasas e o impedimento dos rituais fúnebres, tudo isso permanecerá na memória individual e coletiva durante um longo tempo. Como havia percebido Freud diante do trauma da guerra, não temos ainda um repertório de manejo psíquico do sofrimento que se apresentou a nós na pandemia. Há uma passagem de Butler bastante adequada a esta conclusão: o luto é “uma experiência do não saber provocada pela perda do que não podemos compreender completamente”.<sup>32</sup> É onde ela localiza o sentimento de despossessão que acompanha o luto. No mundo pós-covid, estamos despossuídos do mundo tal qual ele era antes e, como diagnosticado por Freud, ainda não temos outra forma de lidar com esta realidade da finitude, a que nos apresenta o fim do horizonte de uma certa forma de existência humana, o fim de um certo mundo, que já nem precisa ser o fim do mundo para nos assombrar.

Tal dificuldade aparece, por exemplo, na resposta que busca avidamente a compensação do tempo perdido, num movimento de urgência que vem acompanhado do clichê “a vida continua” – e só pode continuar sob condição de não querer saber o que aconteceu –, numa tentativa vã de fazer com que tudo volte a ser como antes. É impossível porque, como observou Freud em relação à guerra, a covid-19 também destruiu a nossa possibilidade de

---

31 Freud, S. *Tempos de guerra e de morte*. Trad. Petê Rissatti. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2021. 2ª. edição. p. 25.

32 Butler, J. *Vida precária*, op. cit., p. 42.

ignorância: do tempo do fim, do colapso ambiental, da subdivisão do mundo em diferentes zonas de morte e abandono. Observo uma segunda resposta em curso, a melancólica, que tenta reter a aceleração do tempo para a elaboração do luto. Pode ser confundida com o pessimismo porque, ao constatar que vivemos no tempo do fim, e com um fim cada vez mais próximo, a melancolia mantém uma identificação paralisante com a perda. Ainda seguindo a analogia com o trabalho de luto individual, haveria uma terceira resposta, a da criação. Entraria em cena então o exercício de contraimaginação e contrarealismo, em que o desejo não estaria, como no diagnóstico de Fisher, “manipulado pelo exército de especialistas em relações públicas, marcas e publicidades do capital”. Ao apostar em outras formas de vida, talvez seja possível e preciso (re)inventar uma nova engenharia libidinal para formas de agência – dissidentes, à margem, estranhas à norma, disruptivas – , e por isso mesmo potentes.

## Referências

- AGAMBEN, Giorgio. Em que ponto estamos? A pandemia como política. Trad. Cláudio Oliveira. São Paulo : n-1 edições, 2021.
- AGAMBEN, Giorgio . Reflexões sobre a peste: ensaios em tempos de pandemia. Trad. Isabella Marcatti. São Paulo : Boitempo, 2020.
- AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo e outros ensaios. Trad. Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó, SC : Argos, 2009.
- ARANTES, Paulo. O novo tempo do mundo e outros estudos sobre a era da emergência. São Paulo : Boitempo, 2014.
- ARENDDT, Hannah. Responsabilidade e julgamento. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo : Cia das Letras, 2004.
- BUTLER, Judith. Que mundo é esse? Uma fenomenologia pandêmica. Tradução. Beatriz Zampieri, Gabriel Ponciano, Luís Felipe Teixeira, Nathan Teixeira, Petra Bastone e Victor Galdino. Belo Horizonte : Autêntica, 2022.
- BUTLER, Judith. The force of non-violence. Londres: Verso, 2020
- BUTLER, Judith. A força da não violência. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo : Boitempo, 2021.
- BUTLER, Judith. Vida precária. Trad. Andreas Lieber, revisão técnica Carla Rodrigues. Belo Horizonte : Autêntica, 2019.
- CRARY, Jonathan. Terra arrasada: além da era digital, rumo a um mundo pós-capitalista. Trad. Humberto do Amaral. São Paulo : UBU Editora, 2023.

- DANOWSKI, Déborah e CASTRO, Eduardo Viveiros. *The ends of the world*. Trad. Rodrigo Nunes. Cambridge, MA : Polity Press, 2017. [Há mundos por vir? Ensaios sobre os medos e os fins. Florianópolis : Cultura e Barbárie, 2014].
- FISCHER, Mark. *K-punk: the collected and unpublished writings of Mark Fisher (2004-2016)*. Londres : Repeater Books, 2018.
- FREUD, S. *Tempos de guerra e de morte*. Trad. Petê Rissatti. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2021. 2ª. edição. p. 25
- GALVÃO, Antônio. *Do realismo capitalista ao comunismo ácido*. São Paulo : Autonomia Literária, 2023.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 10. ed. São Paulo: Loyola, 2001.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo : Cia das Letras, 2020. 2ª. edição.
- LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Trad. Ricardo Barbosa. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1979. 1ª. edição.
- MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo : n-1 edições, 2018. p. 20.
- SRNICEK, Nick. *Platform Capitalism*. Polity Press; 2016.
- RODRIGUES, Carla. *Saídas da grande noite colonial*. Revista Estilhaço, número 1, 2022.
- RODRIGUES, Carla. *O luto entre clínica e política: Judith Butler para além do gênero*. Belo Horizonte : Autêntica, 2021.
- RODRIGUES, Carla. *Por uma filosofia política do luto*. *O que nos faz pensar*, v. 29, n. 4, 2020.